

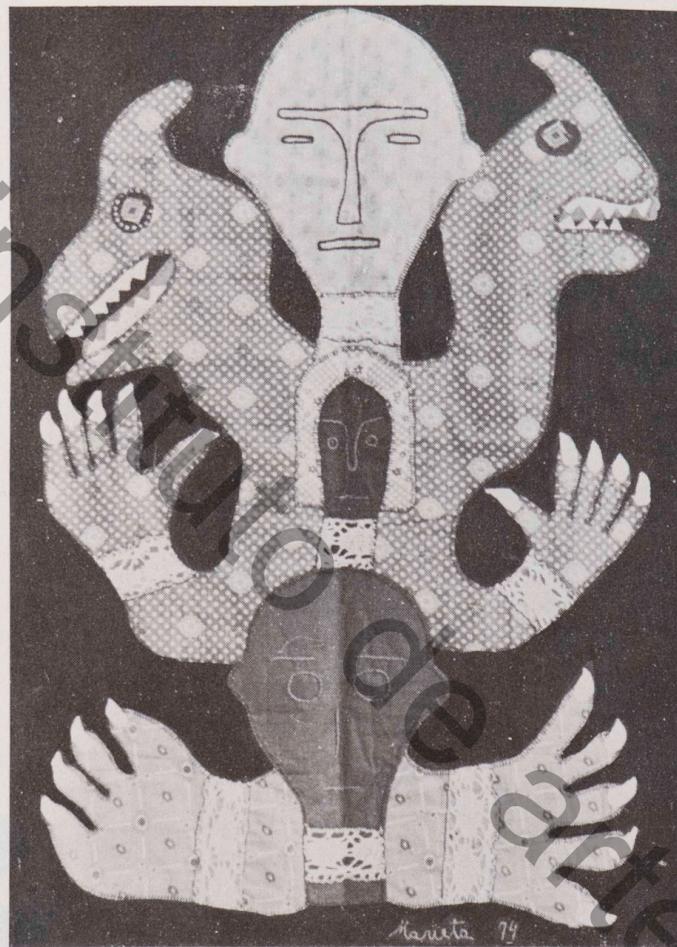
**REAL GALERIA DE ARTE A PRESENTA**

instituto

de arte

contemporânea

de arte



## MARIETA TAPETES

27 de agosto de 1974  
às 21 horas  
até 13 de setembro

### Marieta Ramos

Nasceu em Camocim, CE, em 1907. Nas décadas de 40 e 50 dedica-se ao ensino de prendas domésticas, costura e artesanato às crianças do Educandário Eunice Weaver, em Maranguape, CE. A partir de 1960, começa a desenvolver o artesanato de retalhos costurados: primeiro foram colchas e logo em seguida os tapetes, sempre dentro de composições figurativas. Sua primeira mostra no Rio deu-se em 1969 na Galeria Goeldi, apresentada

por Clarival do Prado Valadares.

Participou ainda do XIX Salão Nacional de Arte Moderna de 1970; da exposição conjunta "Mãe e Filho" (Marieta e José Tarcísio), na Galeria Grupo B, em 1971; também neste ano ganhou o prêmio "Aquisição" no Salão de Verão, MAM, Rio; da coletiva "Arte/Brasil/Hoje - 50 anos depois" na Galeria Collectio, SP, 1973; e individual na REAL GALERIA DE ARTE, Rio de Janeiro, 1974.

O fenômeno mais raro e isolado dentro do panorama da tapeçaria brasileira é o da artista cearense Marieta. Enquanto muitos tapeceiros lutam por criar com a tecelagem uma categoria nova, o tapete de arte, Marieta parte da raiz popular da colcha de retalhos e joga inventivamente com imagens familiares ao seu cotidiano e ao fabulário da região onde nasceu. Ao invés de explorar o tropicalismo, ou de pesquisar pontos novos, mesmo de ambicionar à tridimensionalidade fazendo do tapete uma pretensa escultura, Marieta levanta a tradição do cordel, e pesquisa no sentido de agregar ao processo tradicional, vocabulários redescobertos, como o da forragem com tecidos de rede e as franjas de estandartes. Ao mesmo tempo que funcionam como peças de alto decorativismo, ciente a artesã do destino e finalidade de seu alegre ofício, estes tapetes, compostos de remendos figurativos de estamparia ingênua, revelam seus dragões, seus "milagres" (ex-votos), sua zoologia fantasiosa e simplificada, seus combates imaginários, seu folhetim primitivo de um romanceiro que o povo vivifica e canta na sua humildade e despreconceito. Como Júlio Martins da Silva na pintura, Marieta é uma raridade em seu metier, desenvolvido do artesanato doméstico, e movido pelo instinto criador espontâneo de um portavoza da poesia do povo. Ambos os exemplos, o de Júlio e o de Marieta, renunciam ao realismo em favor da magia e do idealismo. A vida árdua e modesta não cerceia nestes seres privilegiados a capacidade construtiva de metamorfosear o prosaico em festa de cor e prodígio. Marieta que foi praticamente (e casualmente) descoberta por seu filho, o artista José Tarcísio, teve um exemplar de suas colchas de retalhos recolhido por Lina Bo Bardi, quando da organização no Museu de Arte de São Paulo da esplêndida e inesquecível

mostra A Mão do Povo Brasileiro.

José Tarcísio identificou naquele contexto da mais pura expressão da criatividade popular, um trabalho de sua mão. Procurou saber o que ela andava fazendo em seu cotidiano cearense. Marieta, já então desinteressada da simples organização de retalhos em composições mais ou menos geométricas, partiu para o romanceiro, soltou suas alegorias, os monstros coloridos que povoam os sonhos provincianos. Sua obra teve aceitação nacional e quando, há alguns anos, solicitado pela Fundação Calouste Gulbenkian, projetei uma coletiva de tapeçaria brasileira contemporânea, num elenco de menos de dez nomes estava com destaque o de Marieta. Esta exposição não se realizou, por dificuldades no estabelecimento do intercâmbio pretendido pela Fundação Portuguesa. Mas estou certo da universalidade da proposta de Marieta, da originalidade de sua imagética livre e terrestre, da rusticidade sangüínea e iluminada de sua arte poética. Não me lembro, em contatos nacionais e mesmo estrangeiros, de outro exemplo capaz de se aproximar desta experiência plena de verdade interior e permanentemente renovada em seu exercício técnico. Destes inventores do visual depende o permanente enriquecimento do exílio terrestre. Um exílio que passa permanentemente por planos de transfiguração, graças aos laboratórios do processo artístico, estas usinas de originalidade e renovação do ambiente vivencial. Marieta é uma peça importante neste processo, e é com prazer que convidamos todos quantos sejam capazes ainda de ver e de refletir, a este encontro festivo com a mais pura água, com a vertente mais bem filtrada e preservada, descendo direta da área do sonho para o suporte da síntese.

**Walmir Ayala**  
Rio, agosto de 1974

**BANCO REAL**

Agência Ipanema

Rua Visconde de Pirajá, 168 - Tel.: 247-2595  
De 16 às 22 horas - segunda a sexta

AS OBRAS EXPOSTAS PODERÃO SER ADQUIRIDAS  
COM FINANCIAMENTO.

instituto de arte contemporânea

REAL GALERIA DE ARTE  
Rua Visconde de Pirajá, 168 - Ipanema